

**Marcolino Helbertt Oliveira de Freitas**

Psicólogo, Bacharel em Psicologia  
Natal- RN

**Luciana Rodrigues Bezerra**

Psicóloga clínica, Mestre em Psicologia, Coordenadora do  
Laboratório de Pesquisa e Estudos em Fenomenologia (LAPEFEN)  
Natal- RN

## **RESUMO**

A adolescência é uma fase muito complexa e dinâmica. É uma etapa de transição importante entre a infância e vida adulta, muitas vezes marcada não só pelas mudanças físicas como também seus comportamentos sociais. As automutilações são caracterizadas por autolesões em diversas partes do corpo: braços, coxas, barriga, entre outros. Observa-se que na adolescência o fenômeno tem aumentado consideravelmente e fica perceptível quando estamos inseridos em locais que os jovens estão presentes, especialmente no ambiente escolar. O propósito deste trabalho é relatar uma experiência de intervenção realizada em uma escola privada no município de Natal/RN, objetivando compreender a prática da automutilação entre os jovens e trazendo a reflexão sobre como lidar com os sentimentos que o levam a externalizá-los dessa forma. Após os relatos dos jovens que eram adeptos da prática, durante os plantões psicológicos, foi realizado um estudo de campo qualitativo descritivo observacional, de cunho fenomenológico. Adolescentes de 12 a 16 anos, sem escolha de gênero e que durante o plantão psicológico relataram já ter praticado ou estar praticando a automutilação, foram convidados a participar de um grupo reflexivo em que foram desenvolvidos trabalhos de acordo com as demandas apresentadas nos relatos. Foi possível compreender que vários fatores levam os jovens a praticar a automutilação como fuga de sentimento que se encontra latente naquele momento, como distorção da imagem corporal, instabilidade emocional, baixa autoestima, desvalorização por parte de seus familiares e relacionamentos amorosos conflituosos. As atividades trouxeram resultados positivos, uma vez que os temas foram debatidos trazendo o diálogo como uma forma de expressar esse sentimento e fazer com que os próprios jovens conseguissem encontrar uma forma de solucionar as dificuldades estando à frente delas. Diante do exposto, entende-se que há a necessidade de mais pesquisas que contribuam para a compreensão do tema.

**Palavras-chave:** adolescência, automutilação, psicologia, grupos reflexivos, escola.

## INTRODUÇÃO

Adolescência é o período de transição entre a infância e a vida adulta, caracterizado pelos impulsos do desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social e pelos esforços do indivíduo em alcançar os objetivos relacionados às expectativas culturais da sociedade em que vive. A adolescência se inicia com as mudanças corporais da puberdade e termina quando o indivíduo consolida seu crescimento e sua personalidade, obtendo progressivamente sua independência econômica, além da integração em seu grupo social (EISENSTEIN, 2005).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) (2004) define adolescência como sendo o período da vida que começa aos 10 anos e termina aos 19 anos completos. Para a OMS, a adolescência é dividida em três fases: Pré-adolescência – dos 10 aos 14 anos, Adolescência – dos 15 aos 19 anos completos e Juventude – dos 15 aos 24 anos.

No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (1990) considera a adolescência, a faixa etária dos 12 até os 18 anos de idade completos, sendo referência, desde 1990, para criação de leis e programas que asseguram os direitos desta população.

Realizar marcas no corpo é um comportamento antigo e pode ser encontrado em diversas culturas que por um bom tempo foi visto como um rito de passagem ou para demarcar a posição que o indivíduo ocupa. A automutilação mesmo envolvendo um processo doloroso continua sendo realizada por conter um significado para aquele que a produz. Este comportamento pode ser visto pela sociedade em geral como algo ruim e repulsivo, mas, para o grupo que compartilha da mesma prática este ato é uma inscrição, uma forma de pertencimento (OLIVEIRA 2016).

A automutilação surge principalmente durante a adolescência (DINAMARCO, 2011), entre os 13 e 14 anos e permanece por dez a quinze anos, podendo persistir por décadas, não existindo um consenso se existem prevalências entre os gêneros. Além disso, alguns indivíduos que se automutilam para este comportamento independentemente de qualquer intervenção, provavelmente devido ao desenvolvimento de mecanismos mais eficientes para lidar com situações adversas que acontecem normalmente com o desenvolvimento neurocognitivo (GARRETO, 2015).

O Ato de se mutilar tem sido um tema recorrente tanto na clínica nos atendimentos psicoterápicos, como também em espaços socioculturais que os indivíduos estão inseridos. Tal recorrência trouxe um olhar de alerta para profissionais que estão submetidos a cuidar da vida psíquica do ser (TOMIO, 2009). Segundo Tomio (2009), o ato que define a automutilação traz como característica:

Ato de se machucar intencionalmente de forma superficial, moderada ou profunda sem intenção suicida consciente, é assim que denominamos a automutilação, onde o indivíduo em seu discurso alega a intenção de aliviar tensões internas ou externas ou outros sentimentos que acabam entrando em conflito com seu Eu.

A automutilação abrange uma ampla gama de comportamentos, incluindo: cortes superficiais; queimaduras; arranhões; mordidas; bater certas partes do corpo contra a parede ou objetos; contundir ou fraturar ossos, e outros, sempre realizados com a intenção explícita de causar danos ao organismo. Geralmente os indivíduos empregam mais de uma forma para se automutilar, em diferentes situações; onde as áreas mais comumente atingidas são braços, pernas, peito e outras regiões na parte frontal do corpo, onde o acesso é mais fácil (GIUSTI, 2013).

Devido aos adolescentes passarem por uma perda temporária da identidade, é comum que eles utilizem o corpo como cenário de representações para os conflitos que não alcançaram ainda. Então, as mudanças corporais características da adolescência proporcionam, em certos momentos, a utilização do corpo como uma forma de descarga das experiências emocionais dolorosas, ao mesmo tempo em que oferece um palco para a dramatização de conflitos e fantasias evocadas nesse período (ALMEIDA; LAMENHA, 2018). No que se refere à atuação do psicólogo nas instituições de ensino, Souza (2008):

O trabalho do psicólogo no Ensino não é um trabalho de intervenção psicológica, mas sim de problematizar e discutir questões que são de alguma maneira, referentes à Psicologia enquanto campo de atuação e de conhecimento. Sendo assim, confirma o autor, cabe ao psicólogo promover esse diálogo nas escolas, para trazer assim uma ressignificação para compreender os adolescentes que estão vivenciando a prática da automutilação.

Os discursos de jovens que praticam a automutilação têm sido recorrentes isso se torna cada vez mais perceptível quando estamos atuando em ambientes que eles estão inseridos como, por exemplo, na escola, no âmbito clínico, redes sociais, fazendo com que possamos ter um cuidado maior sobre o tema.

Durante a prática de estágio supervisionado realizado em uma escola privada da zona norte de Natal, onde foram desenvolvidas atividades como as de plantões Psicológicos. Demandas diversas foram relatadas, entre elas os casos de automutilação, que acabou sendo relatado por mais de um estudante, onde trouxe uma preocupação da direção da escola, junto à coordenação pedagógica, de como lidar com o tema e como fazer para

compreender esse fenômeno que estava ali presente.

Esse artigo tem como objetivo compreender a prática da automutilação na adolescência como um fenômeno sintomático desse adoecimento, mas que nem sempre esta ligada a alguma patologia em si, como por exemplo, *Borderline*, transtorno dissociativo de personalidade e sim a uma probabilidade de um adoecimento social.

Sabendo que a dor e os sentimentos são subjetivos, não queremos aqui, generalizar que toda a automutilação seja desencadeada pelos mesmos fatores dentro de uma sociedade, mas sim trazer os motivos mais latentes entre esses adolescentes inseridos nessa escola, um tema que tem sido recorrente tanto no campo da psicologia, como no campo pedagógico, onde muitos profissionais ficam paralisados por não saber lidar com esse tema, e acabam banalizando ou levando até mesmo para o “senso comum”, ou como uma tentativa de “chamar atenção”.

## MÉTODO

Este artigo trata-se de um estudo de campo qualitativo descritivo observacional, de cunho fenomenológico. Segundo Dutra (2002), assumir uma estratégia qualitativa de pesquisa fenomenológica, como a narrativa, significa, antes de tudo, adotar como horizonte teórico e filosófico a existência, compreendida na experiência vivida. E compreender a experiência humana representa uma tarefa de extrema complexidade, uma vez que o homem constitui-se numa subjetividade que pensa, sente e tem na linguagem a expressão da sua existência. E esta é fluida, processual, semelhante e distinta de todos os outros, o que exclui a possibilidade de explicá-lo através de verdades estáticas e aplicáveis a todos os outros seres. A narrativa, portanto, ao considerar essa dimensão do mundo vivido, nos sinaliza com a possibilidade de nos aproximarmos do outro, sem que se perca a principal característica que o distingue no mundo, que é a existência. De corte transversal, ou seja, realizado em um curto período de tempo, por se entender que esse tipo de pesquisa conseguirá chegar aos objetivos pretendidos.

Segundo Godoy (1995) a pesquisa qualitativa descritiva ocupa lugar de destaque nessa abordagem, desempenhando um papel fundamental tanto no processo de obtenção dos dados quanto na disseminação dos resultados. Rejeitando a expressão quantitativa, numérica, os dados coletados aparecem sob forma de transcrições de entrevistas, anotações de campo, considerando que todos os dados da realidade são importantes e devem ser examinados.

O estudo foi desenvolvido em uma escola privada localizada na zona norte de Natal RN, por um graduando em psicologia de uma faculdade privada de Natal RN, durante o campo de estágio supervisionado curricular. Foram realizadas oficinas reflexivas de discussão sobre a automutilação entre os adolescentes, para compreender como esses jovens entendem a prática da automutilação. Os grupos educativos/reflexivos eram destinados a promover um espaço de troca de experiências e a fornecer informações relevantes ao

processo, essas intervenções grupais almejavam o desenvolvimento da autonomia e do autocuidado dos participantes (Silva,2002).

Os adolescentes participaram de quatro encontros quinzenais. Durante as oficinas, foram utilizados desenhos, papeis, lápis de cor, instrumentos que possam ser realizados para obter compreensão do fenômeno.

Foram gerados o sigilo de informação e o anonimato em qualquer forma de divulgação dos resultados. Para o cumprimento a esse requisito, toda a anotação sobre as observações geradas durante a pesquisa esta arquivada pelo pesquisador, evitando a manipulação dos dados por técnicos exteriores a pesquisa e o vazamento acidental de informações que possam vir a comprometer o participante.

As transcrições e informações obtidas durante a pesquisa encontram-se guardadas por um período de cinco anos, após a finalização do estudo como descreve a resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde – CNS (SAÚDE, M.d. 2012), que regulamenta as normas aplicadas a pesquisa que envolvem diretamente ou indiretamente seres humanos. Para garantia do anonimato, não será relatada a identidade dos informantes, de forma a ser codificada por um pseudônimo ou outro código de informação que não permita a associação ou revelação de suas identidades.

Participaram da pesquisa, adolescentes de 12 a 16 anos, sem escolha de gênero e que durante o plantão psicológico tenha relatado já ter praticado ou está praticando a automutilação, que se encontravam matriculados na escola onde a pesquisa foi desenvolvida e que os responsáveis autorizaram a participação do adolescente mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Por se tratar de jovens, a pesquisa foi apresentada aos seus responsáveis, explicando os objetivos da pesquisa e os convidando a participar voluntariamente do estudo. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) nos quais serão evidenciados o anonimato e o sigilo das informações fornecidas.

Confia-se que estão incluso como benefícios resultantes da realização desta pesquisa, além da sua publicação para fins acadêmicos e profissionais a abertura de diálogo entre os adolescentes, fazendo com que refletissem sobre o que levam eles a realizar a pratica da automutilação, analisando assim como esses adolescentes entendem e enxergam essa pratica e compreendem como a automutilação pode trazer uma sensação de alívio uma vez que seus conflitos ainda fiquem sem ser resolvidos, trazendo assim uma ressignificação, ou seja, um novo significado através da mudança de sua visão de mundo e do “Eu”, além de gerar conhecimento acadêmico e para as comunidades.

A intervenção ofereceu riscos mínimos aos participantes, uma vez que foram submetidos a uma observação, e não foram exposto a agentes químicos ou tóxicos. Entretanto foi dito que se o participante sentisse algum tipo de incômodo, de qualquer natureza, a sua saída do estudo seria permitida em qualquer etapa da pesquisa, sendo seus dados excluídos

conforme a TCLE.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir de uma prática de estágio realizada em uma escola privada da zona norte de Natal, graduando em psicologia em seu último período, com devidas orientações e supervisões foi iniciado um processo de plantões psicológicos como uma das atividades proposta pelo estágio. Durante esse período escutas foram realizadas e foi perceptível o número de relatos de jovens que praticavam a automutilação. A demanda foi levada até a coordenação pedagógica onde já estava ciente de alguns casos, e como intervenções foram propostas criar um grupo reflexivo onde fosse aberta uma oportunidade para o diálogo a fim de ouvir esses jovens e compreender de forma empática os sentimentos que os envolviam ao praticar a automutilação. O quadro abaixo descreve as devidas atividades realizadas, assim como seus objetivos e resultados priveis.

<b>GRUPOS REFLEXIVOS</b>			
<b>Encontros</b>	<b>Tema/Atividade Realizada</b>	<b>Objetivos da Atividade</b>	<b>Resultados Priveis</b>
<b>1º encontro</b>	Imagem de si mesmo: Foi realizada uma dinâmica com o espelho como forma de facilitar essa abertura para o diálogo	Observar através dos relatos dos jovens como eles enxergavam sua própria imagem uma vez que em seus relatos a distorção da imagem corporal estava bem presente.	Neste primeiro encontro foi percebido que a distorção da imagem corporal é perceptível e levando em consideração pelos jovens, onde reagiram de forma negativa ao relatarem a imagem de si.
<b>2º encontro</b>	Quem sou eu? Foi realizado uma atividade com papel e canetas de colorir, para auxiliar as atividades nessa compreensão.	O objetivo deste encontro foi fazer com que os jovens expressassem através dos seus sentimentos o papel que ele ocupa na sociedade, dentro da sua família e nos locais que eles estão inseridos	Segundo relato dos jovens o discurso negativo de que “eles não são vistos por ninguém e que, por exemplo, em uma sala de aula ninguém nota a presença deles, foram colocados em discussão, tentando a todo momento trazer um novo olhar para situações questionadas.
<b>3º encontro</b>	Vamos Falar sobre Família? Utilizamos do diálogo como	O objetivo deste encontro foi promover uma roda de conversa para	O tema família trazia uma grande inquietação entre os jovens, uma vez que

	ferramenta para o desenvolvimento da atividade.	falar sobre família, uma das principais queixas dos jovens que participaram do grupo, a proposta era abrir um espaço para que eles expressassem a sua visão diante da família que eles estão inseridos, trazendo uma compreensão de como melhorar seus conflitos familiares.	nos dois encontros anteriores, eles já faziam uma introdução no tema, foi um dos encontros que mais rendeu o diálogo e trouxe uma reflexão sobre o que é família, conseguimos resgatar nesse encontro pontos positivos da família que esse jovem esta inserido, uma vez que as listas de pontos negativos foram expostas por ele mesmo.
<b>4º encontro</b>	Como me sinto diante das angústias? Foram utilizados para essa atividade papeis ecanetas de colorir para auxiliar a fala dos jovens.	O objetivo desta atividade foi trazer uma reflexão de como lidar com as angústias, tanto as que já estavam presentes na vida dos jovens, como as que podiam surgir, promovendo assim uma resignificação, ou seja, um novo olhar para a situação apresentada.	Tendo em vista os sentimentos relatados pelos jovens e que foram trabalhados nos encontros anteriores a existência de um sentimento a qual muitos as vezes não sabiam descrever foi relatado por eles, em alguns encontros uns chegavam tristes, e utilizaram do espaço para relatar o que tinha ocorrido. Uma forma de trabalhar as angustias e sentimentos de tristeza, foi descrever esse sentimento em uma folha facilitando assim a compreensão.

Quadro 01: Resumo esquemático dos encontros dos grupos reflexivos.

- 1º encontro

No primeiro encontro foi realizada uma atividade denominada de “Imagem de Si” onde teve como objetivo trazer através de uma atividade pratica os relatos de como esses jovens se enxergavam uma vez que durante os plantões psicológicos realizado, uma das queixas foi a baixa autoestima relacionada ao próprio corpo.

Uma caixa fechada foi passada de mão em mão onde eles foram

direcionados a falar o que eles enxergavam ao abrir a caixa, dentro existia um espelho onde refletiam a imagem dos mesmos. Palavras depreciativas como “- Não vejo nada, -vejo uma pessoa feia, magra e com o cabelo assanhado, - uma pessoa horrível” foram relatadas durante essa atividade. Como demonstra na fala a seguir:

Me sinto tão magra, olho pras meninas da minha idade e não me vejo iguais a ela, meu cabelo poderia ser mais liso, eu já até entrei na academia pra ver se consigo ficar colo elas, eu sinto que nenhum menino olha pra mim. Tem dias que olhar pro espelho é uma tortura. (F.15 anos)

No segundo momento eles foram direcionados a colocar em um papel dobrado o nome deles e ir passando o papel em sentido horário onde cada pessoa teria que colocar uma qualidade para a pessoa correspondente no papel até chegar na respectiva pessoa novamente, várias qualidades foram colocadas no papel como: “Companheirismo, linda, dedicada, Pessoa incrível”. Ao finalizar a atividades eles foram questionados sobre a facilidade de enxergar no outro os pontos positivos e qualidades uma vez que eles mesmos sentiram dificuldade de enxergar neles mesmo essas qualidades, e após as reflexões eles concordaram que realmente eles tinham pontos positivos a serem enxergados e resgatados.

A imagem construída pela sociedade está para esses adolescentes como a imagem perfeita e única, e que quando essa imagem de si não corresponde ao estereótipo imposto, esses devem ser descartados. Resgatar esses valores na atualidade mostra para esses jovens o fato de que não corresponderem a imagens definida pela mídia, não precisa o lavar a um sofrimento. Que nem sempre a forma que nos enxergamos, corresponde a forma que o outro nos ver, exemplo disso foram as qualidades que o outro conseguiu enxergar durante a atividade.

- 2º Encontro

No segundo encontro, foi à vez de falarmos sobre qual o papel aquele jovem ocupava diante a sociedade, uma vez que em seus discursos os jovens não se sentiam valorizados em locais que eles habitavam. Por se sentir criticado pelos grupos que eles faziam parte, muitos desses adolescentes se excluía dentro da sala de aula, o que acabavam sendo uma fuga da critica, segundo os jovens professores e familiares acabavam criticando seus gostos musicais, desenhos que assistiam, jeito de se vestir e para eles era mais fácil se isolar. Segundo Hall, (2002,p. 40):

O nosso tempo é marcado por uma profunda crise de referências simbólicas e institucionais, capazes de dotar o comportamento do adolescente de uma estrutura

normativa que oriente sua conduta individual e grupal. Em decorrência, vemos a despersonalização das relações sociais, que se tornam individualistas e competitivas, o outro sendo convertido no estranho, no diferente.

A atividade proposta foi fazer com que esses jovens desenhassem como eles são e como era que eles gostariam de ser visto, resgatando assim qual seria o seu modo de Ser dentro da sociedade. Os desenhos vieram repletos de significados entre eles o de R. que era fã da cultura coreana e que não podia expressar o gostar dessa cultura pois era criticado pelos seus familiares, segundo o jovem ele se sentia triste por ter que ouvir as músicas escondido, e por não conseguir ser quem ele realmente é. Após a abertura do dialogo todos mostraram seus respectivos desenhos e falaram sobre ele, mostrando assim que muitos não estavam vivendo o seu modo de ser diante da sociedade, muitas vezes pelo olhar critico, ou proibição do outro. Foi importante resgatar também como eles projetavam a sua forma de ser atual, com a forma de ser que eles gostariam de estar vivenciando, fazendo assim uma ponte de “O que falta para chegar no que eu quero ser?”, segue o relato abaixo:

Na realidade eu me sinto bem triste por viver o que querem que eu viva. Eu não sou assim (apontando para o desenho que mostrava a realidade atual) estou assim, e falta apenas eu não olhar para o que os outros falam, eu quero muito ser assim, ó! (apontando para o desenho que queria ser). Em nenhum momento me perguntam se eu gosto de ouvir forró, mas na primeira oportunidade que minha turma encontra coloca esse estilo musical pra tocar. É bem chato! Porque se eu coloco o meu BTS todo mundo reclama e diz que não é coisa de meninos, prefiro me isolar lá atrás e colocar meu fone de ouvido, já que na escola ainda posso ouvir, mais que na minha casa onde também sou criticado. (R. 14 anos)

Sentimento de tristeza e insatisfação foi presente durante o diálogo dos jovens que falaram muitas das vezes sentir vontade de “sumir” ou de se reunir com pessoas que realmente gostassem do que eles gostavam. Finalizando a atividade, foi colocado para reflexão que vivemos em uma sociedade onde existem vários estilos, gostos musicais e maneiras de se expressar, de se vestir. Que não existe uma maneira correta, mais sim uma maneira a qual nos sentimos bem e que não precisamos nos sentir culpado porque esse “meu jeito de ser” não é do mesmo jeito do outro ou trás uma desaprovação do outro, é preciso viver bem da maneira que gostamos. Enquanto aos familiares foi proposto apresentar um pouco dessa cultura como forma de fazer com que eles conheçam e possa compreender essa maneira de ser deles.

Esse encontro conseguiu trazer para os adolescentes o quanto é importante a expressão seja ela a forma de falar, se vestir, o gosto musical de forma que ele se sintam bem, que a desaprovação de uma pessoa não precisa ser levada como única e correta e que eles não precisam se sentir culpados por isso.

- 3º encontro

No terceiro encontro o tema foi Família, onde em todos os relatos de plantão psicológico foram visto como o ambiente que trazia mais desconforto para os jovens.

A família, desde os tempos mais antigos, corresponde a um grupo social que exerce marcada influência sobre a vida das pessoas, sendo encarada como um grupo com uma organização complexa, inserido em um contexto social mais amplo com o qual mantém constante interação. (BIASOLI- ALVES, 2004 p.91)

Corroborando Drummond e Drummond Filho (1998) O grupo familiar tem um papel fundamental na constituição dos indivíduos, sendo importante na determinação e na organização da personalidade, além de influenciar significativamente no comportamento individual através das ações e medidas educativas tomadas no âmbito familiar.

A falta de diálogo entre os adolescentes e familiares acarretaram uma repressão na expressão dos sentimentos e acabaram trazendo um sofrimento para esses adolescentes, onde não encontravam abertura para poder falar aos seus familiares o que eles sentiam e vivenciavam em seu dia a dia. O recorte abaixo demonstra a fala de um adolescente quando o assunto é a sua família.

Muitas vezes eu até entendo sabe, psicólogo? Que meus pais não tem tempo, que eles trabalham, mas a gente nunca teve esse abertura, e quando eles vem falar comigo é sempre me julgando, quando eles descobriram que eu me automutilava, eles me bateram, disseram que foram as minhas amigas, que a culpa foi da internet. Eles nem me perguntaram o que eu sentia. (K.14 anos)

A atividade realizada nesse terceiro encontro veio como uma forma de roda de conversa, o ambiente foi preparado para que eles se sentissem confortáveis, tapete de borracha, almofadas espalhadas, e uma música ambiente para ajudar melhor os jovens a conseguir se expressar. Cada jovem foi relatando o que eles entendiam sobre família e como era sua família, o que cada um tinha passado como foi a descoberta dos seus familiares ao saber que eles se automutilavam. Esse resgate foi importante para a abertura

do diálogo onde foi perceptível a expressão dos sentimentos dos jovens durante a realização das atividades. Muitos falaram sobre os seus problemas familiares, como separação dos pais, a falta do diálogo, as frustrações diante da família, a comparação com a família do outro.

No segundo momento eles foram direcionados a relatar qual seria a família que eles queriam ter? Em todos os relatos foram exposto uma família perfeita, sem brigas, onde eles pudessem falar o que sentiam sem mentir e sem ser julgado. Finalizando a atividade eles foram questionados sobre o que eles estavam contribuindo para ter aquela família sem brigas, com diálogo, e onde eles pudessem se expressar. É importante saber que é possível fazer do ambiente familiar um local agradável, e que eles podem contribuir com isso. Como contribuem os autores Mesquita et al. (2011):

A automutilação manifesta-se, sobretudo em adolescentes que apresentam problemas relacionais, especialmente a nível familiar, onde é frequente existir conflito, com crítica sistemática e falta de afeto, com recurso a soluções desadaptativas cujas consequências são, frequentemente, irreversíveis.

- 4º encontro

O quarto e último encontro trouxe como tema “como lidar com as emoções”, uma vez que durante os relatos os jovens apresentavam uma dificuldade de lidar com as frustrações muitas vezes envolvendo a de relacionamentos amorosos, segue o relato abaixo:

Um dos motivos que eu me automutilei foi quando eu terminei com meu namorado, eu queria sumir, eu chorei muito, ninguém me entendia, ele simplesmente me trocou por outra, até mais bonita eu já não me cortava mais no braço e sim nas coxas para que ninguém percebesse. Foi o momento mais tenso que tive na vida, mais conseguir assim desmentar a minha raiva. (L.15 anos)

Outros relatos que vinham frequentemente no grupo quando falavam dos sentimentos que traziam esse jovem a se automutilar era a presença de um sentimento que eles não sabiam explicar qual. Como mostra o discurso abaixo:

Eu não sei por que eu me automutilo, eu choro e me corto, as vezes nem precisa ter acontecido algo, eu me corto sem ter um motivo específico. (P.L.14 anos)

A atividade realizada foi fazer com que os adolescentes escrevessem em um papel um sentimento negativo que eles sentiam anterior ou durante a prática de automutilação, após escrever, eles tinham que amassar e jogar em

um cesto de lixo que foi levado, explicando que era como se fosse o depósito de sentimentos, fazendo assim com que os adolescentes pudessem expressar os sentimentos negativos e externalizando. O resgate a esse sentimento faz com que os adolescentes vivencie e consiga trazer a tona uma compreensão dos sentimentos envolvidos durante a prática da automutilação.

Durante a oficina os adolescentes escreveram o sentimento no papel, amassaram e jogaram no lixo em forma de desapego, em seguida cada adolescente pegou um papel aleatório dentro do cesto para ler, relatos como: medo, insegurança, baixa autoestima, palavras depreciativas com a imagem estavam presentes nos papéis descartados pelos jovens.

Foi exporto que a não percepção desses sentimentos fazem com que os adolescentes transfiram para o corpo em formas de cortes, tornando assim esse sofrimento visível. Corroborando o que diz Fernandes (2011), o corpo é um grande alvo de investimento para descarga de sofrimento e frustração, passando a ser um meio privilegiado do mal-estar das pessoas produto da cultura que estão inseridas. Na sociedade de hoje o corpo passou a ser um representante da subjetividade e frustrações com o mundo.

Esse encontro foi finalizado mostrando aos jovens o quão importante é reconhecer esses sentimentos e externalizando através do diálogo ou na procura de uma ajuda profissional como auxílio para aliviar esses sentimentos.

## **CONCLUSÃO**

Compreender a prática da automutilação tem sido um desafio dentro do âmbito escolar, não só pela dificuldade que a equipe pedagógica encontra por não saber como lidar com o problema, mas também por levar o tema no senso comum uma vez que os adolescentes que o praticam são remetidos a um julgamento prévio de que ao praticar a automutilação eles querem “chamar atenção” de alguém ou de algo.

Durante a prática dos grupos reflexivos conseguimos dar a esses jovens o direito de expressar esse sentimento sem o viés de julgamento ou punição, e sim de conseguir trazer uma abertura para o diálogo e reflexão do tema, já que percebemos que muitas vezes esse silêncio era o desencadeador para que os jovens praticassem o fenômeno de automutilar-se.

Os temas trabalhados no grupo reflexivo foram temas dentro do dia a dia dos jovens, o que favoreceu o debate e a participação desses jovens, e a cada tema era perceptível o quanto eles gostavam de participar.

Contudo, conclui-se que alguns sentimentos foram compreendidos como conflituosos e que levavam os jovens à essa prática, como a baixa autoestima que estavam presente dentro dos discursos dos jovens, com uma visão limitada de que existe um padrão de beleza a ser seguido, que é o imposto pela sociedade e que ele é único. A visão de que existe um modelo perfeito de família, e que se a família deles não se encaixa nesse padrão se torna uma família desconfigurada ou imprópria para ter convívio, a sua forma

de ser no mundo também foram fundamentais dentro do grupo reflexivo, mostrando que eles tem sua subjetividade como cultura, modo de se vestir, estilos musicais e que eles não devem ser reprimido pelo julgamento do outro. A presença de um sentimento inexplicável que em todos os discursos dos adolescentes envolvidos na pesquisa estavam presente, foi fundamental para fazer com que esses jovens o reconhecessem seus sentimentos.

Foi possível concluir também que existe um sentimento inexplicável que precisa ser externalizado em um corpo simbólico e que acabam se transformando em automutilação, é a representação da sua angústia escrito na pele, como formade acabar com o sofrimento existente naquele momento. muitas vezes a falta do diálogo e o julgamento do outro faz com que aumente a intensidade da prática.

Portanto, torna-se perceptível que as intervenções psicológicas no âmbito escolar são eficazes para que os jovens encontre a sua verdadeira possibilidade de “Ser” e “Existir”, em um espaço onde venham expressar seus sentimentos e encontrar a sua identidade através de grupo reflexivo e até mesmo dos plantões psicológicos.

E, por fim, conclui-se que o objetivo principal proposto pela temática foi alcançada, uma vez que não era o intuito da pesquisa querer explicar o porquê esses jovens se automutilavam e sim compreender os sentimentos envolvidos durante o processo, lembrando que esses jovens são um Ser que por algum motivo estavam passando por uma confusão de sentimentos, dando a eles um lugar de fala e ressignificando os temas questionados para os jovens.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. et al. A Prática da Automutilação na Adolescência: O Olhar da Psicologia Escolar/Educacional, **Ciências Humanas e Sociais**, v. 4, n.3, p. 147-160,2018.

BRASIL. MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, 1990.

BRASIL. MINISTERIO DA SAÚDE. CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **RESOLUÇÃO nº 46, de 12 de dezembro de 2012**. Disponível: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html). Acesso: 25 mar 2019.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE ATENÇÃO EM SAÚDE. **Diretrizes Nacionais para Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde**.

Disponível:[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes\\_nacionais\\_a\\_tencao\\_saude](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_a_tencao_saude). Acesso: 15 mar 2019.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. (2004). **Pesquisando e intervindo com famílias decamadas diversificadas**. (pp. 91). Florianópolis: Papa-livro.

DINAMARCO, A. V. **Análise exploratória sobre o sintoma de automutilação praticada com objetos cortantes e/ou perfurantes, através de relatos expostos na internet por um grupo brasileiro que se define como praticante de automutilação**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

DUTRA, E.; A Narrativa Como Uma Técnica De Pesquisa Fenomenológica. **Estudos de Psicologia**, v. 7, n. 2, p. 371-378, 2002.

DRUMMOND, M. & DRUMMOND FILHO, H.. **Drogas: a busca de respostas**. São Paulo: Loyola, 1998.

EISENSTEIN, E. **Adolescência: definições, conceitos e critérios**, Adolescência & Saúde v. 2, n. 2, Universidade federal do Rio de Janeiro, 2005.

FERNANDES, H.M. **O corpo e os ideais do clínico contemporâneo**. Coleção clínica psicanalítica 4. ed. -- São Paulo : Casa do Psicólogo, 2011.

GARRETO, A. K. P. **O Desempenho executivo em pacientes que apresentam automutilação**. 2015, 223 f. Dissertação (Mestrado em Ciências). Faculdade de Medicina de São Paulo. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

GODOY, Arilda Schmidt; Introdução À Pesquisa Qualitativa E Suas Possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GIUSTI, J. S. **Automutilação: características clínicas e comparação com pacientes com transtorno obsessivo-compulsivo**. 2013, 184 f. Tese (Doutorado em Ciências)- Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Hall, S. (2002/1992). **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A. 11ª edição.

MESQUITA, Cristina; RIBEIRO, Fátima; MENDONÇA, Liliâne; MAIA, Ângela. **Relações familiares, humor deprimido e comportamentos autodestrutivos em adolescentes**. Psicologia da criança e do adolescente, Lisboa, v. 3, 97-109, 2011.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAUDE: Brasil/MS. Cartão do Adolescente (documento preliminar). **Área Técnica de Saúde do Adolescente e do Jovem**.ASAJ/MS, Brasília: MS, 2004.

OLIVEIRA, T. A. **Automutilação do corpo entre adolescentes: um sintoma social ou alerta de transtorno mental?** Curso de pós-graduação especialização em saúde mental e atenção básica, Faculdade Unime, Salvador, 2016.

SILVA, R. C. **Metodologias participativas para trabalhos de promoção de saúde e cidadania**. São Paulo: Vetor, 2002.

Souza, M. P.; Rocha, M. (2008). **Políticas educacionais: legislação, formação profissional e participação democrática**. In Conselho Federal de Psicologia, Anota Psicologia na Educação: textos geradores (pp. 27-52). Brasília: CFP.

TOMIO, N. A. O.; FACCI, M. G. D. Adolescência: uma análise a partir da psicologia sócio-histórica, **Revista Teoria e Prática da Educação**, v.12, n.1, p. 89-99, 2009.